



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Decisões de juros no Brasil e nos EUA movimentam a semana

Em semana encurtada por feriado, as atenções do mercado se voltam para a reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central, que deve fazer novo corte de 0,5 pp da taxa Selic, para 12,25% aa. Tal expectativa é praticamente consenso e está em linha com a própria sinalização do Comitê. A dúvida é se o Colegiado irá manter tal sinalização ou se deixará em aberto a possibilidade de uma intensificação do ritmo de ajuste nas próximas reuniões. De um lado, o ambiente externo mostrou deterioração acentuada nos últimos meses, o que sugere alguma prudência. Por outro, a dinâmica inflacionária tem se mostrado positiva, o que poderia justificar uma aceleração no ritmo de cortes da taxa Selic. De toda forma, o mais provável é que o Copom mantenha a cautela e siga com o processo gradual de redução da taxa básica..

Ainda em relação ao Banco Central, expectativa pelo anúncio dos novos diretores da instituição. Os mandatos dos atuais diretores de Assuntos Internacionais (Fernanda Guardada) e Relacionamento e Cidadania (Mauricio Moura), se encerra no dia 31 de dezembro. As informações são de que o governo deve indicar em breve seus substitutos, para que estejam aptos a fazer parte da 1ª reunião do Copom de 2024, que ocorrerá nos dias 30 e 31 de janeiro. A expectativa se dá em torno do perfil dos indicados e do compromisso que vão demonstrar em relação ao cumprimento da meta de inflação de 3% no ano que vem e nos próximos.

Na agenda de indicadores, destaque para os dados de atividade e do mercado de trabalho, que trazem os números de fechamento do 3º trimestre. O resultado da produção industrial de setembro será conhecido na quarta (1), e a expectativa é que o setor siga andando de lado, mostrando ligeira retração de 0,1% no mês. Com o resultado, a indústria deve fechar o 3º trimestre com retração de 0,2% na margem, reforçando a leitura de baixo dinamismo do setor. Já os números do mercado de trabalho devem seguir mostrando resiliência, embora com sinais de desaceleração. O Caged será conhecido ainda hoje (30) e a expectativa é de geração líquida de 206,5 mil vagas formais em setembro, abaixo do observado em set/22 (278,1 mil), enquanto o IBGE divulga amanhã (31) a taxa de desemprego (PNAD), que deve cair para 7,7% em setembro (ante 7,8% em agosto).

A semana ainda traz dados de inflação e do setor externo. Quanto à inflação, a FGV divulgou hoje (30) cedo o IGP-M de outubro, que subiu 0,50% no mês, com alguma aceleração dos preços no atacado, embora não alterando a percepção de continuidade do processo de desinflação. Já o resultado da balança comercial de outubro será divulgado pela Secex na quarta (1), e deve seguir apresentando forte superávit, estimado em US\$ 9,0 bi no mês, beneficiado pelo elevado volume de exportações.

Na agenda corporativa, a divulgação dos balanços do setor bancário do 3T23 está concentrada no banco Pan, que apresenta seu resultado na terça (1). As divulgações voltam com mais força na próxima semana, trazendo os resultados das maiores IFs do país.

No cenário internacional, o destaque é a reunião de política monetária do Fomc/Fed nos EUA, que ocorrerá na quarta (1), com expectativa praticamente unânime de manutenção dos juros entre 5,25% e 5,50% aa. Mais do que a decisão, o mercado aguarda o comunicado e a entrevista coletiva do presidente da instituição, Jerome Powell, após o encontro, que deve destacar a recente alta nos rendimentos das *Treasuries* e suas consequências para a condução da política monetária por parte do Fed. De toda forma, os agentes buscarão pistas sobre a possibilidade do Fed ainda realizar outra elevação dos juros, dado que a atividade segue com bom grau de dinamismo, o que tende a dificultar esta etapa final do processo de desinflação.

Neste sentido, outro destaque da agenda norte-americana são os dados do mercado de trabalho (*payroll*) de outubro, que serão conhecidos na sexta (3). O consenso indica criação de 190 mil vagas, desacelerando ante o expressivo número registrado em setembro (+336 mil). A divulgação medirá a força do mercado de trabalho e pode reforçar a expectativa de que as taxas de juros permanecerão elevadas durante um bom tempo nos EUA. A taxa de desemprego, por sua vez, deve permanecer estável em 3,8%.



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Na Zona do Euro, os destaques serão a divulgação do PIB do 3º trimestre e a prévia da inflação de outubro, ambos na terça (31). Em relação ao PIB, o mercado aguarda estabilidade no trimestre, mantendo a tendência de relativa estagnação da atividade no continente observada desde o 4T22. Já para a inflação (CPI), a expectativa é de uma nova desaceleração do indicador no acumulado em 12 meses, recuando de 4,3% para 3,1%, embora com o núcleo ainda em nível mais pressionado, estimado em 4,2% (ante 4,5%).

Por fim, na China, durante a semana serão divulgados os índices PMI e Caixin de outubro, que devem confirmar a retomada da atividade no país, embora de forma ainda incipiente.

A próxima página traz o quadro completo da agenda de indicadores com as datas de divulgação e projeções de mercado.

Calendário de Divulgação e Estimativa de Lucro dos Bancos com Capital Aberto para o 3T23

Banco	Data	Estimativa de Lucro Líquido R\$ mi	Var. % Trimestral	Var. % Anual
Pan	01/nov	215,5	26,7%	25,8%
Itaú	06/nov	9.020,7	3,2%	11,7%
Inter	06/nov	98,6	53,6%	-433,1%
Banco do Brasil	08/nov	9.060,0	3,1%	8,4%
BTG Pactual	08/nov	2.682,7	29,8%	22,6%
Bradesco	09/nov	4.617,7	2,2%	-11,6%
BMG	09/nov	-	-	-
ABC	09/nov	211,3	4,7%	-3,1%
Pine	13/nov	-	-	-
Banrisul	13/nov	249,2	10,0%	246,4%
XP	13/nov	1.111,9	13,8%	7,8%
Nubank	14/nov	-	-	-

Fonte: RI dos bancos. Estimativas: Bloomberg.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
30/out	FGV: Sondagens de Confiança	Out/23	-	-
30/out	FGV: IGP-M	Out/23	0,63% m/m -4,45% a/a	0,37% m/m -5,97% a/a
30/out	Caged: Geração de Vagas Formais de Trabalho	Set/23	206,5 mil	220,8 mil
31/out	PNAD: Taxa de Desemprego	Set/23	7,7%	7,8%
01/nov	Reunião do Copom	-	12,25% aa	12,75% aa
01/nov	IBGE: Produção Industrial	Set/23	-0,1% m/m 0,4% a/a	0,4% m/m 0,5% a/a
01/nov	Secex: Balança Comercial	Out/23	US\$ 9,0 bi	US\$ 8,9 bi

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
30/out	China	PMI Manufatura e Serviços	Out/23	50,2 pts / 52,0 pts	50,2 pts / 51,7 pts
31/out	Zona do Euro	Inflação ao Consumidor (CPI)	Out/23 – prévia	3,1% a/a	4,3% a/a
31/out	Zona do Euro	PIB	3º tri/23 – prévia	0,0% t/t-1	0,1% t/t-1
31/out	EUA	Confiança do Consumidor (<i>Conference Board</i>)	Out/23	100,0 pts	103,0 pts
31/out	China	PMI Caixin Manufatura	Out/23	50,8 pts	50,6 pts
01/nov	EUA	PMI / ISM Manufatura	Out/23 – final	50,0 pts / 49,0 pts	49,8 pts / 49,0 pts
01/nov	EUA	FED – Reunião de Política Monetária do Fomc	-	5,25% aa; 5,50% aa	5,25% aa; 5,50% aa
02/nov	Zona do Euro	PMI Manufatura	Out/23 – final	43,0 pts	43,4 pts
02/nov	China	PMI Caixin Serviços	Out/23	51,5 pts	50,2 pts
03/nov	EUA	Dados do Mercado de Trabalho – Geração de Vagas /Taxa de Desemprego	Out/23	190 mil / 3,8%	336 mil / 3,8%
03/nov	EUA	PMI / ISM Serviços	Out/23 – final	51,0 pts / 53,0 pts	50,1 pts / 53,6 pts

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Inflação segue com dinâmica positiva e reforça novo corte de 0,50 pp da Selic

A prévia da inflação (IPCA-15) de outubro subiu 0,21% no mês, em linha com o esperado (0,20%). A leitura manteve a visão positiva sobre o processo de desinflação, que também tem ocorrido nos núcleos e na inflação de serviços subjacentes, métricas acompanhadas com atenção pelo Banco Central. O resultado dá suporte para o Copom reduzir novamente a taxa Selic em 0,50 pp (para 12,25% aa) na reunião desta semana.

No mês, a alta dos preços foi concentrada nas passagens aéreas, que subiram 23,75% e contribuíram com alta de 0,16 pp (ou 75,8% da alta do indicador). Outras pressões vieram dos emplacements e licença de veículos (+1,64%) e planos de saúde (+0,77%), pressionando a inflação de serviços, que acelerou para 0,63% no mês (ante 0,53%). A métrica de serviços subjacentes, no entanto, que retira os itens mais voláteis (como as passagens aéreas), e é mais sensível à política monetária, foi em sentido contrário e desacelerou de 0,34% para 0,14% no mês, refletindo o arrefecimento da inflação dos itens de despesas pessoais.

Entre as baixas, destaque para a quinta deflação mensal seguida dos alimentos consumidos no domicílio (-0,52%), com queda disseminada entre os itens *in natura* e proteínas, que têm se beneficiado da maior oferta (safra recorde). Também houve recuo da gasolina (-0,44%) e da energia elétrica (-0,07%), contribuindo para conter a inflação dos itens administrados, embora ainda em aceleração na métrica anual (de 9,2% para 10,3%). Aqui, vale destacar que o resultado ainda não captou a recente redução de 4,1% do preço da gasolina nas refinarias, anunciada no dia 19/out pela Petrobras.

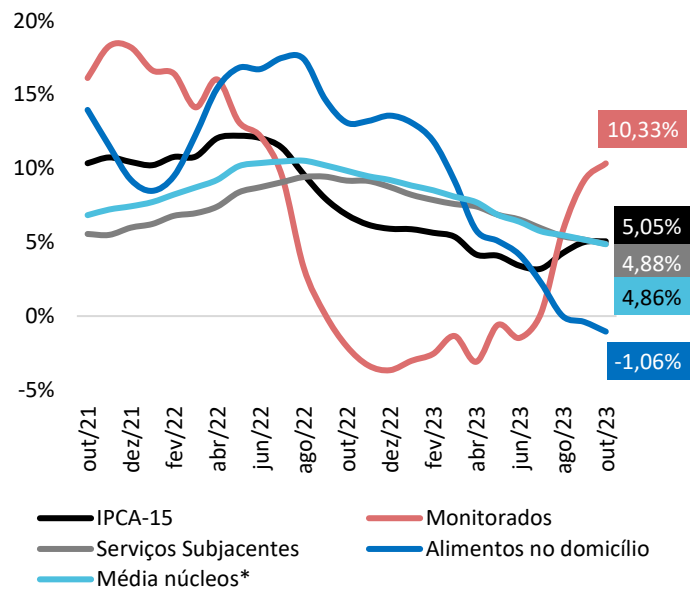
Ainda, a leitura mostrou uma inflação pouco difusa na economia (coeficiente de difusão ficou em 47,1%, bem abaixo da média dos últimos 3 anos, por exemplo, de 64,8%) e continuidade da desaceleração (em 12 meses) da média das principais medidas de núcleos (de 5,17% para 4,86%) e da inflação de serviços subjacentes (de 5,17% para 4,88%). Já o IPCA-15 subiu 5,05%, se mantendo praticamente estável ante setembro (5,00%). A expectativa é que o índice volte a desacelerar a partir de novembro, beneficiado inclusive, pela recente queda dos preços da gasolina, que pode levar o índice a fechar o ano abaixo do teto da meta (4,75%).

Quadro 1: IPCA-15 – Var. % mensal



Fonte: IBGE

Quadro 2: IPCA-15 e Aberturas – Acumulado em 12 meses



Fonte: IBGE. *Núcleos selecionados

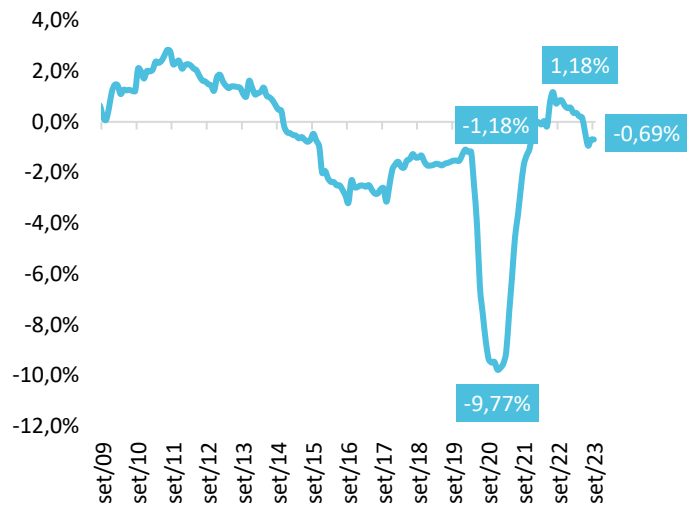
No âmbito fiscal, o Tesouro Nacional divulgou que o governo central registrou superávit primário de R\$ 11,5 bilhões em setembro, idêntico ao resultado observado em 2022. Entretanto, o superávit foi impulsionado pelos recursos do PIS/Pasep (R\$ 26,0 bi), que não voltará a se repetir. Sem a apropriação dos “recursos esquecidos” nas contas do PIS/Pasep, o Tesouro teria registrado um déficit de R\$ 14,5 bi. Tirando tal efeito não recorrente, a receita total teria apresentado queda real de 6,2% ante set/22, em função dos menores ganhos com dividendos (-71,8%) - especialmente da Petrobras - outras receitas administradas (-59,5%) e com exploração de recursos naturais (-14,4%), na esteira da queda dos preços das *commodities*. Já as despesas tiveram alta real de 11,5%, após o aumento de gastos obrigatórios (+55,2%), como Bolsa Família e na área da saúde, dos gastos discricionários (+40,6%) e com benefícios previdenciários (+7,1%).

Com o resultado, no acumulado do ano, as receitas líquidas recuam 3,8%, enquanto as despesas sobem 5,2%, revertendo assim um superávit primário de R\$ 37,9 bi no acumulado de 2022 (até setembro) para um déficit de R\$ 71,4 bi neste ano. E a tendência é que 2023 encerre com um déficit superior a R\$ 100 bi.

Em relação à atividade, a FGV divulgou as sondagens de confiança de outubro, que mostraram piora na margem, reforçando as sinalizações de um enfraquecimento da economia neste segundo semestre. Em geral, a queda da confiança foi liderada pela piora do sentimento em relação ao futuro, enquanto a piora da percepção sobre a situação atual foi mais modesta. Uma possível explicação é a piora do cenário internacional, como o início da guerra no Oriente Médio e a contínua elevação dos juros futuros nos EUA, que tem pressionado os ativos de risco e a taxa de câmbio.

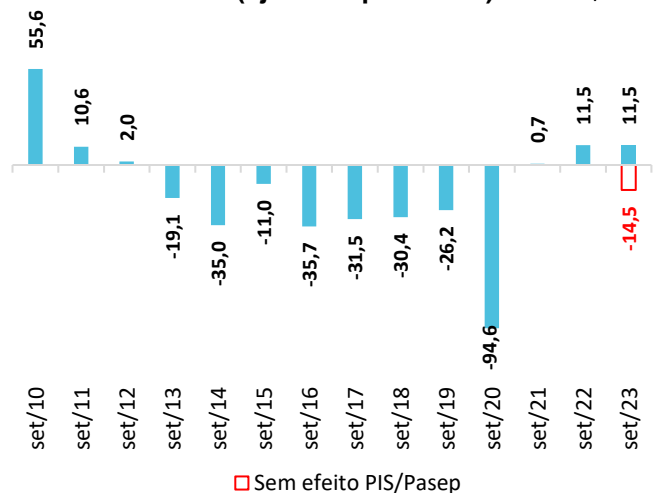
A queda da confiança foi mais intensa entre os consumidores (-3,8 pp), que segundo a FGV, pode ser reflexo da desaceleração econômica e de seu possível impacto sobre o mercado de trabalho. Entre as empresas, a queda foi generalizada, mas em maior intensidade no comércio (-3,0 pp), que junto com a indústria, apresenta o nível mais baixo de confiança entre os setores.

Quadro 3: Resultado Primário do Governo Central - Em % do PIB



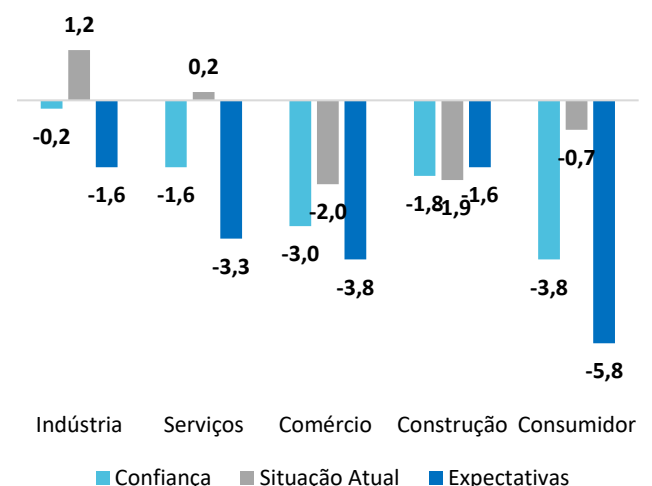
Fonte: Tesouro Nacional.

Quadro 4: Resultado Primário nos meses de setembro (ajustado pelo IPCA) - Em R\$ bi



Fonte: Tesouro Nacional.

Quadro 5: Indicadores de Confiança Var. (em pp) em outubro



Fonte: FGV

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Treasuries e balanços de tecnologia pressionam novamente os mercados

Os principais ativos de risco globais foram penalizados novamente durante a semana. Desta vez, houve decepção com os balanços no setor de tecnologia, em especial da Alphabet/Google e Meta/Facebook. Além disso, apesar do “rally” das *Treasuries* ter dado uma trégua nos EUA, o alto patamar dos rendimentos dos títulos segue pesando sobre as bolsas. Neste sentido, o forte resultado do PIB dos EUA mostrou que economia norte-americana segue aquecida, o que por um lado, descarta a possibilidade de uma recessão no curto prazo, mas por outro, mantém os juros pressionados (num ambiente de inflação ainda elevada).

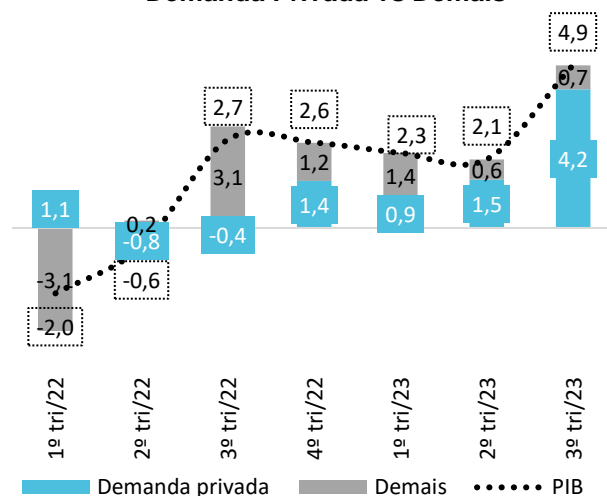
O PIB norte-americano subiu 4,9% (anualizado, ou 1,2% na margem) no 3T23, acima das expectativas (+4,3%). A maior contribuição veio do consumo das famílias (+2,7 pp), beneficiado pelo mercado de trabalho aquecido. Com isso, a demanda privada, que também considera os investimentos (+0,2 pp) e os estoques (+1,3 pp), adicionou 4,2 pp no resultado, melhor número desde o 4T21. Já a contribuição dos demais itens foi de 0,7 pp, com destaque para os gastos do governo (+0,8 pp).

Os gastos pessoais de setembro voltaram a surpreender, subindo 0,7% no mês, impulsionados pelos gastos com serviços. Enquanto isso, a renda subiu 0,4%. Quanto aos preços, o deflator de gastos (PCE) confirmou as expectativas em setembro, ficando estável em 3,4% (base anual), enquanto o núcleo desacelerou um pouco, para 3,7% (ante 3,8%), indicando ainda um longo caminho para voltar para o nível de 2%.

Já as prévias de outubro dos índices PMI contrariaram as expectativas e subiram, indicando que a atividade segue em expansão neste início de 4T23. A maior surpresa veio do setor de serviços, cujo indicador subiu de 50,1 pts para 50,9 pts.

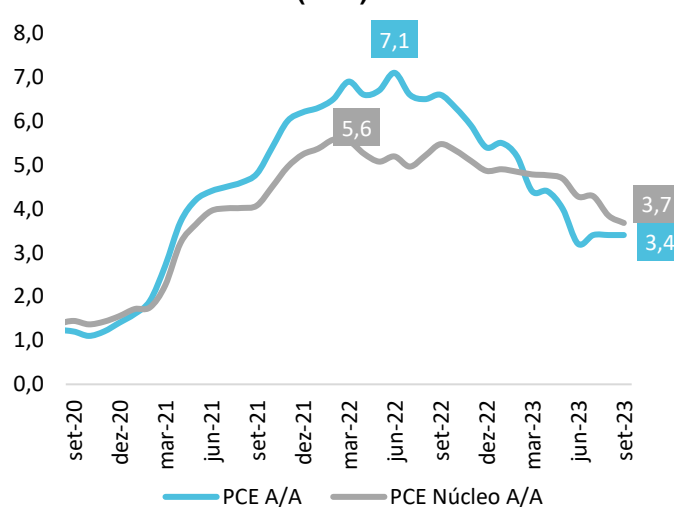
Na Europa, o BCE manteve suas taxas de juros inalteradas após altas em suas últimas 10 reuniões (desde ago/22). A decisão de pausar o ciclo de altas, com a taxa de refinanciamento em 4,50% aa, era amplamente esperada, em função da desaceleração da atividade na região. Neste sentido, a perda de ímpeto da atividade foi reforçada nas prévias do índice PMI do continente, que voltaram a cair no mês. A pausa deve se confirmar como o fim do ciclo, a não ser que a inflação não de sinais de que retornará para a meta de 2%. Por outro lado, Christine Lagarde, presidente do BCE, destacou que ainda é cedo para discutir cortes na taxa.

Quadro 6: EUA – Decomposição do PIB (Em pp)
Demanda Privada vs Demais



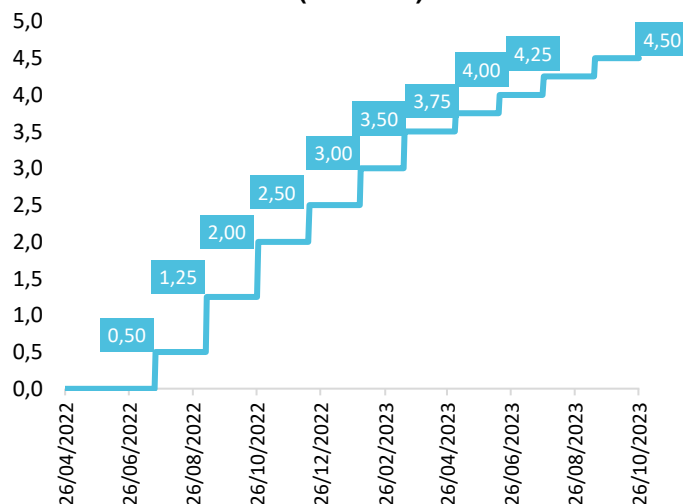
Fonte: Bloomberg.

Quadro 7: EUA – Deflator de Gastos de Consumo Pessoal (PCE) - Var. % a/a



Fonte: Bloomberg.

Quadro 8: BCE – Taxa de Refinanciamento (Em % aa)



Fonte: Bloomberg.

Resultado Corporativo 3º Tri/23 Santander

CRÉDITO / BANCOS

O Santander registrou lucro líquido gerencial de R\$ 2,7 bilhões no 3º trimestre, iniciando as divulgações dos balanços dos bancos no Brasil. O resultado veio em linha com o esperado (R\$ 2,8 bi) e corresponde a uma alta de 20,8% no trimestre e queda de 12,6% em um ano. O ROE atingiu 13,1%, subindo 1,9 pp no tri, mas seguindo abaixo do registrado no 3T22 (15,6%). Um dos destaques da divulgação foi a queda da inadimplência, sinalizando uma tendência de reversão do indicador, após alta desde meados de 2020, com a melhora da qualidade das novas safras.

A alta do lucro no trimestre refletiu uma combinação de elevação das receitas de serviços, queda da PDD e das outras despesas operacionais. Do lado das receitas, uma contribuição importante para o lucro veio das receitas com serviços que subiram 6,5%. Destaque para o desempenho de seguros (+19,0%), que contou com uma atividade comercial mais forte, e receitas decorrentes de operações de crédito (+10,8%), como tarifas de cadastro PF e PJ. Já a margem financeira caiu 1,2% no trimestre, devido à queda na margem com clientes (-1,3%) diante da alteração do *mix* de produtos da instituição. Tal mudança fez parte da estratégia do banco de ter um portfólio com créditos mais seguros (com garantia), porém, menos rentável. Já a margem com o mercado, voltou a registrar perdas, mas 1,8% menor que no 2T23.

Do lado das despesas, a PDD caiu 6,0% ante o 2T23 totalizando R\$ 5,6 bi, com a melhora da qualidade (menor risco) das novas safras de empréstimos. Tal queda desconsidera eventos extraordinários, que deduziram a PDD em R\$ 1,5 bi no 2T23. Já as despesas gerais subiram 0,9% no período, puxada pelas despesas de pessoal (+1,1%), devido aos reajustes salariais previstos no acordo coletivo vigente a partir de setembro. Já os gastos administrativos subiram apenas 0,7% no trimestre. Tal controle de gastos permitiu uma melhora (queda) no índice de eficiência da IF, que atingiu 42,2% (ante 42,9% no 2T23).

A carteira de crédito ampliada do Santander subiu 1,3% no trimestre e 7,9% em 12 meses, atingindo R\$ 625,5 bi. A alta ante o 3T22 foi puxada pelos títulos privados (+40,9%) e fianças (+16,9%), que fazem parte do conceito ampliado da carteira. Nas aberturas tradicionais (conceito BCB), o destaque foi a carteira destinada às famílias, que subiu 5,6% ante o 3T22, liderada pelas linhas com garantia, como veículos (+19,5%) e consignado (+12,4%). Já a carteira PJ subiu 4,0%, com destaque para o crédito destinado às MPMEs (+6,5%). Por fim, a inadimplência (acima de 90 dias) atingiu 3,0% da carteira, caindo 0,3 pp no trimestre, primeira queda desde o 3T20, reforçando, segundo a IF, os esforços de maior rigor na concessão de crédito. A melhora foi puxada pela carteira PF, cujo índice caiu 0,6 pp (para 4,2%), enquanto o indicador da carteira PJ caiu apenas 0,1 pp, para 1,3%. Na mesma direção, o índice de atrasos (entre 15 a 90 dias) recuou 0,2 pp (para 4,0%), sugerindo que tal movimento deve continuar nos próximos trimestres, indicando uma inadimplência mais controlada no banco.

Quadro 9: Resultado 3T23 – Santander

Banco Santander - R\$ Mi	3T22	2T23	3T23	Var. %	
				Tri	Anual
ITENS PATRIMONIAIS					
Ativo Total	1.006.711	1.096.717	1.162.093	6,0%	15,4%
TVM	233.482	273.475	271.079	-0,9%	16,1%
Depósitos	414.921	439.297	465.528	6,0%	12,2%
Patrimônio Líquido	82.406	84.037	84.793	0,9%	2,9%
DRE¹					
Margem Financeira Bruta	12.598	13.579	13.413	-1,2%	6,5%
Provisão p/ créditos de liquid. duvidosa	-6.209	-4.530	-5.618	24,0%	-9,5%
Receitas com serviços e tarifas	4.734	4.810	5.123	6,5%	8,2%
Despesas de pessoal	-2.540	-2.765	-2.795	1,1%	10,0%
Despesas administrativas	-3.150	-3.209	-3.232	0,7%	2,6%
Outras Receitas/Despesas Operacionais	-991	-3.261	-3.047	-6,5%	207,4%
IR/CSLL	-227	334	102	-69,5%	-144,9%
Lucro/Prejuízo do período ²	3.122	2.259	2.729	20,8%	-12,6%
RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE¹					
ROAE	15,6%	11,2%	13,1%	1,9 pp	-2,5 pp
ROAA	1,3%	0,8%	0,8%	0,0 pp	-0,5 pp
Índice de eficiência	37,4%	42,9%	42,2%	-0,7 pp	4,8 pp
CRÉDITO					
Carteira de crédito	484.252	499.298	502.626	0,7%	3,8%
PF	220.417	229.104	232.721	1,6%	5,6%
PJ	195.907	202.680	203.794	0,5%	4,0%
PMEs	60.964	62.955	64.898	3,1%	6,5%
Grandes empresas	134.943	139.725	138.896	-0,6%	2,9%
Financiamento ao consumo	67.928	67.515	66.112	-2,1%	-2,7%
Carteira de crédito ampliada ³	579.860	617.215	625.487	1,3%	7,9%
Estoque de provisão p/ liquid. duvidosa	32.754	35.470	34.636	-2,4%	5,7%
Provisão adicional de PDD	2.390	2.409	2.437	1,2%	2,0%
Despesa PDD/Carteira de crédito amp.	1,1%	0,7%	0,9%	0,2 pp	-0,2 pp
Saldo de PDD/Carteira de crédito amp.	5,6%	5,7%	5,5%	-0,2 pp	-0,1 pp
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	3,0%	3,3%	3,0%	-0,3 pp	0,0 pp
Cobertura > 90 dias	225,7%	213,8%	229,5%	15,8 pp	3,8 pp
Índice de Basileia	13,8%	13,5%	13,5%	0,0 pp	-0,3 pp

Fonte: Santander RI. Elaboração: FEBRABAN. ¹Anualizado ²Lucro Líquido Ajustado Gerencial ³Inclui outras operações com risco de crédito: debêntures, FDIC, CRI, notas promissórias e avais e fianças.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2023				2024			
	27/10/23	20/10/23	29/09/23	Viés	27/10/23	20/10/23	29/09/23	Viés
IPCA (%)	4,63	4,65	4,86	▼	3,90	3,87	3,87	▲
PIB (% de crescimento)	2,89	2,90	2,92	▼	1,50	1,50	1,50	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	11,75	11,75	11,75	↔	9,25	9,00	9,00	▲
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,00	5,00	4,95	↔	5,05	5,05	5,02	↔

Fonte: Banco Central do Brasil

Indicadores do Mercado	27/10/23	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,01	-0,40%	-0,39%	-5,04%	-6,13%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	188,58	-1,94%	0,36%	-25,77%	-33,06%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	12,25	-0,85%	-3,15%	-10,25%	-10,26%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	11,07	-0,49%	0,39%	-17,43%	-16,10%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	11,34	-1,93%	0,64%	-10,14%	-3,06%
Índice Ibovespa (em pontos)	113.301,35	0,13%	-2,80%	3,25%	-1,17%
IFNC (setor financeiro)	11.203,05	0,52%	-1,44%	9,26%	-0,87%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	5,50	0,00%	0,00%	22,22%	69,23%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	5,00	-1,40%	-0,82%	13,02%	17,03%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,83	-1,61%	5,76%	24,77%	23,37%
Dollar Index	106,56	0,37%	0,36%	2,93%	-3,64%
Índice S&P 500 (em pontos)	4.117,37	-2,53%	-3,98%	7,24%	8,14%
Índice de ações de bancos – EUA	82,22	-0,82%	-6,47%	-27,93%	-31,48%
Índice Euro Stoxx 50	4.014,36	-0,26%	-3,84%	5,82%	11,37%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	106,96	-0,03%	-4,37%	11,58%	22,13%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	90,48	-1,82%	-5,07%	5,32%	-6,68%

Fonte: Bloomberg

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira